

A Metalúrgica

Secretaria da Mulher - FETIM - CTB



O acordo foi firmado entre as centrais sindicais e a Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo do Estado e tem validade de dois anos

Centrais sindicais assinam Pacto de Enfrentamento à Violência contra a Mulher

As centrais sindicais CTB, CUT, UGT, Força e Nova Central assinaram o Pacto de Enfrentamento à Violência contra a Mulher na Bahia. O acordo foi firmado com a Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo do Estado e tem validade de dois anos. O evento faz parte da programação de atividades da Campanha dos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher.

O objetivo do documento é que seja realizada uma convergência de esforços entre a SPM-BA e as organizações sindicais, com a finalidade de implementar ações de enfrentamento às múltiplas formas de violência contra as mulheres no estado. "É muito importante que estas ações cheguem aos trabalhadores e o apoio das centrais sindicais terá um papel fundamental nesta tarefa", afirmou Olívia Santana, secretária da SPM -BA.

O acordo foi assinado em um momento oportuno, em que o número de homicídios femininos cresce no estado. Segundo o pesquisador Julio Jacobo Waiselfisz, autor do "Mapa da Violência 2015 - Homicídios de Mulheres no Brasil", entre 2003 e 2013 houve um aumento de 130% na taxa de mortes violentas de mulheres no estado. Com incidência maior entre as mais jovens e as negras. Os dados do Mapa foram apresentados durante o evento.

"Se inaugura um novo momento, que é este diálogo da SPM com as centrais sindicais, para fazer as ações de combate à violência contra a mulher chegar aos trabalhadores e trabalhadoras e também a toda sociedade, através da nossa atuação. Mais que isso, faz com que a questão deixe de ter este recorte de ser apenas um problema das mulheres, para ser um

problema de todos. Este pacto eleva a participação da sociedade sobre isto", ressaltou o presidente da CTB e FETIM Bahia, Aurino Pedreira .

"O objetivo do documento é garantir a implementação de ações de combate às múltiplas formas de violência contra as mulheres no estado"

A Luta das Mulheres por sua emancipação!

Por Flora Brioschi, Dir. da FETIM

Nas últimas décadas nós mulheres intensificamos nossa luta no combate à opressão e desigualdades a favor da nossa emancipação econômica e social, e pelo direito ao trabalho. Desta forma, alcançamos uma igualdade política e social em relação aos homens. Devemos isto, principalmente, aos movimentos feministas, bem como ao entendimento da sociedade que nos legitima, tendo em vista as conseqüências da divisão sexual do trabalho e ao mesmo tempo em que destacamos nosso papel na educação escolar. Ao longo dos últimos anos, persistimos em nossas lutas, reivindicando novos e maiores espaços no mercado de trabalho e na sociedade, conseguimos avançar. Antigamente, o processo para nossa emancipação era mais lento, hoje, com a tecnologia, tem avançado cada vez mais, uma vez que, com os meios de comunicação, as diversas informações chegam a uma parcela significativa da população, esclarecendo sobre direito universal, liberdade e democracia. As mudanças sociais e as inovações tecnológicas possuem um importante papel na organização das lutas pelos nossos direitos, pois permitem que as pessoas se organizem e comuniquem seus pensamentos de maneira eficiente, abrindo um leque de informações e possibilidades de mobilização. Contudo por meio de muitas lutas, conquistamos nosso espaço no mercado de trabalho. No entanto, apesar da nossa crescente inserção no mundo profissional, da nossa contínua busca por capacitação e especialização, há ainda longos caminhos para percorrermos no que diz respeito ao gênero.

Portanto afirmo que na atual conjuntura de crise econômica mundial, nós mulheres estamos sofrendo os efeitos dos cortes sociais, porém, a questão da emancipação da mulher, está intrin-

secamente ligada à questão da emancipação humana e nós não podemos permitir que existam pensamentos equivocados que analisam a emancipação humana sem compreender a necessidade histórica da "Emancipação espe-

cífica da Mulher".

Nós Mulheres somos protagonistas na afirmação de projetos de desenvolvimento econômico e social, lutamos para garantir a construção de uma sociedade justa, fraterna e igualitária.

“RASGAR OS MITOS E LIBERTAR A MULHER”



Jaíra, grande ativista dos direitos da mulher

Jaíra Santiago, mulher operária na indústria metalúrgica, foi uma das principais lideranças sindicais da categoria e construiu uma intensa trajetória de vida em defesa dos trabalhadores.

Funcionária da Papaiz por 17 anos, Jaíra era dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, da FETIM (Federação dos Metalúrgicos da Bahia) e ainda Secretária Estadual de Saúde da CTB-BA. No Sindicato, foram 14 anos de grande contribuição pra categoria, principalmente nos movimentos em defesa da saúde e da mulher, tendo agido sempre com protagonismo no chão de fábrica. Por causa da dedicação e determinação, em pouco tempo se destacou como liderança dos metalúrgicos. Militou na CTB Bahia desde a sua fundação e, em 2013, passou a fazer parte da Direção Executiva, assumindo a Secretaria de Saúde, função que desempenhou de maneira incansável e aguerrida até os últimos momentos. Sua perda, no ano passado, deixou um imenso vazio no movimento sindical.

SAÚDE DA MULHER

A luta contra zika e a microcefalia

O zika vírus foi identificado no Brasil pela primeira vez no final de abril (2015) por pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pertencente à mesma família dos vírus da dengue da febre amarela, o zika é endêmico de alguns países da África e do sudeste da Ásia.

O atual súbito aumento de bebês nascidos com microcefalia e consequentes transtornos neurológicos escancara a injustiça a que estão sujeitas as mulheres brasileiras e tem grave impacto futuro para uma geração inteira, e imenso custo e sofrimento para mães e famílias afetadas.

Nesse sentido, em resposta à posição de diversos governos latino americanos - como Colômbia e El Salvador, para que as mulheres evitem a gravidez pelo risco de microcefalia, provavelmente associada à epidemia de zika, a ONU lançou em 05/02/2016, uma recomendação chamando atenção para sua impossibilidade, face às graves violações aos direitos sexuais e reprodutivos existentes nesses países. A recomendação reforça a pouca eficácia de apenas evitar a gravidez, sendo, portanto, dever dos Estados fornecer serviços que realizem aborto e contracepção seguros e de qualidade, suspendendo as limitações ao aborto e garantindo plenamente os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

A situação concreta da crise da microcefalia levanta a questão não só de legalizar o aborto em geral, mas de criar uma exceção especial para mulheres grávidas que foram infectadas pelo vírus zika. Já existem exceções para a admissibilidade do aborto em casos de anencefalia. No caso do atual aumento de casos de microcefalia, pela urgência e ineditismo da situação, e pela dificuldade de controlar a epidemia (que mereceria outro texto para poder ser discutida), uma das possibilidades de reduzir os danos às mulheres e à sociedade seria permitir a escolha do aborto para todas as gestantes que contraírem o vírus zika durante a gravidez em função do risco a que estão expostas.

Malformação cerebral

ENTENDA A MICROCEFALIA

O QUE É

- Uma malformação congênita que impede o desenvolvimento adequado do cérebro. Os bebês nascem com a cabeça menor do que o normal, que é acima de 33 cm

CRIANÇA COM TAMANHO DA CABEÇA NORMAL

CRIANÇA COM MICROCEFALIA

CAUSAS

- Uso de substâncias químicas (drogas e álcool em excesso) durante a gestação
- Agentes infecciosos, como vírus e bactérias (por exemplo, toxoplasmose e rubéola)
- Doenças maternas não controladas (diabetes, alterações na tireoide)

TRATAMENTO

- Cirurgias são possíveis em alguns casos. A microcefalia óssea permite tratamentos que possibilitam o desenvolvimento normal do cérebro. Mas, na maior parte das vezes, as crianças precisam de acompanhamento após o primeiro ano de vida

CONSEQUÊNCIAS EM 90% DOS CASOS, A DOENÇA ESTÁ ASSOCIADA AO RETARDO MENTAL

RECOMENDAÇÕES ÀS GESTANTES

- Não utilizar medicamentos sem prescrição médica
- Fazer pré-natal qualificado e realizar todos os exames previstos
- Relatar ao médico qualquer alteração percebida durante a gravidez



EDITORIA DE ARTE

FONTE: MINISTÉRIO DA SAÚDE

Por uma nova sociedade

Por Valéria Possadagua, dir. da FITMETAL

A opressão na fábrica leva algumas mulheres ao sindicato e na vivência sindical desenvolvem uma percepção de seu papel representativo buscando estender sua posição crítica às outras operárias. Assim, disputa novos espaços de poder, onde ajudam a construir uma sociedade mais justa para todas as mulheres e meninas, rompendo com todas as formas de opressão.

Rompendo ainda com a lógica capitalista, que se apro-

pria de nossos corpos para vender de tudo, e da nossa mão de obra, que equivale a 70% do salário de um homem.

Quando se nega às mulheres o direito de ter uma vida plena, livre de violência, racismo e machismo, está se negando o direito de mais de 50% da população brasileira, já que somos a maioria, e mãe da outra metade.

Não queremos que nos respeitem por sermos mulheres e sim, porque somos seres humanos dotados de capacidade intelectual, social e política e ajudamos a construir este país com a força do nosso trabalho!

Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres*.

Rosa Luxemburgo

METALÚRGICAS EM AÇÃO

As metalúrgicas da Bahia foram protagonistas de diversas ações em defesa dos direitos das mulheres. Participaram de caminhadas, protestos, encontros e mobilizações realizadas no Brasil e em diversas partes do mundo.

